

PROJETO DE LEI Nº , DE 2005

(Do Sr. Celso Russomanno)

Declara o sociólogo Florestan
Fernandes patrono da Sociologia Brasileira

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O sociólogo Florestan Fernandes é declarado
patrono da Sociologia Brasileira

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

A disciplina científica da Sociologia constituiu-se a partir do século XIX, na França, sob o forte impulso de Augusto Comte e de outros pioneiros, como o investigador Frédéric Le Play e, depois, na virada do século, uma plêiade criativa encabeçada por Émile Durkheim, que marcaram profundamente a jovem ciência.

Na Inglaterra, na Alemanha e nos Estados Unidos, também se desenvolveram os estudos sociológicos, que foram aos poucos sendo acolhidos no âmbito das universidades, em espaço próprio, independente do da filosofia. Nesses estudos, notavam-se, no enfoque teórico, as raízes filosóficas e culturais predominantes em cada país, com a influência sobretudo do positivismo, do evolucionismo, do organicismo, do materialismo ou do idealismo. Mas a

preocupação empírica, o interesse em levantar os dados, em confrontar a hipótese teórica com as evidências empíricas, qualitativas ou quantitativas, qualquer que fosse a inspiração filosófica subjacente, distinguiam o novo tratamento da sociedade humana de outros tratamentos, mais especulativos ou formais.

No Brasil, os progressos da Sociologia se deram sobretudo no século passado. Antes de estar presente nos currículos acadêmicos, era possível estudá-la por meio dos livros dos fundadores estrangeiros. Assim, profissionais sobretudo do direito, insatisfeitos com o modo jurídico de encarar a realidade brasileira, caracterizado pela ênfase normativa e dedutiva, buscaram na visão sociológica a resposta para suas indagações e começaram a elaborar interpretações do país sob o novo enfoque. Foi-se abandonando a visão formalista e substituindo-a pela análise comportamental, própria da Sociologia.

Assim, tivemos os brilhantes ensaios de Oliveira Vianna, escritos nos primeiros decênios do século XX, sobretudo *Populações Meridionais do Brasil* e *Instituições Políticas Brasileiras*, que analisavam nossa formação histórica e social de ângulo inédito, atento aos fatos, comportamentos, hábitos e costumes, em vez de apenas às formas jurídicas. Buscava-se o país real, em vez de somente o idealizado nas normas do direito e na arquitetura das constituições.

Outra contribuição notável foi a do pernambucano Gilberto Freyre, que estudou na Universidade de Columbia e trouxe ao País a perspectiva de ciência afim à Sociologia, ou seja, a Antropologia Social, a qual aplicou com brilho ao estudo da sociedade colonial, em *Casa Grande e Senzala*. Outros estudiosos trilharam os caminhos abertos por essas mentes privilegiadas.

Entretanto, faltava dar a Sociologia um *status* acadêmico entre nós, ou seja, fazer dela um campo de estudos sistemático, dentro da universidade, em que novas gerações pudessem ser introduzidas ao *modus* sociológico de focar a realidade. Essa empreitada foi levada a cabo, sobretudo, em São Paulo, tanto na Escola Livre de Sociologia e Política, quanto na própria Universidade de São Paulo. A Sociologia, em suas várias vertentes teóricas e de pesquisa, bem como as disciplinas auxiliares, tais como a estatística e os métodos de pesquisa, começaram então a articular-se num ciclo formativo capaz de prover os alunos de um treinamento profissional completo, tanto teórico quanto prático, sem as lacunas do autodidatismo. Surgia, pois, a nova profissão de sociólogo, um profissional equipado para analisar empiricamente os fatos

sociais e interpretar o comportamento dos grupos e classes sociais na suas diferentes manifestações.

Vale lembrar ter sido de todo natural que a implantação do novo campo acadêmico se desse com maior vigor em São Paulo, pois precisamente aí a transformação social do Brasil era mais visível, com a industrialização e a modernização social acelerada que no Estado se processava e de onde se irradiava para o País. Problemas suscitados pelas intensas migrações internas, pelo surgimento do proletariado urbano, pela assimilação dos imigrantes estrangeiros, pela constituição da nova classe empresarial e pelas relações raciais passaram a ser estudados sistematicamente e conhecidos em sua extensão e profundidade.

Florestan Fernandes foi, em certo sentido, um produto dessa nova especialização acadêmica, mas também um de seus institucionalizadores e consolidadores, com seu talento, grande capacidade de trabalho e liderança intelectual.

Não se pode omitir, ao falar desse grande brasileiro, a menção de sua origem muito humilde e do esforço que fez para estudar. Filho de uma lavadeira, começou a trabalhar na tenra infância, como engraxate, auxiliar de marceneiro, balconista de bar, auxiliar de alfaiate. Teve de interromper a educação primária para trabalhar em tempo integral e só aos dezessete anos retomou os estudos, concluindo o supletivo, então denominado madureza. Vendedor de produtos farmacêuticos, logrou entrar na USP, na Faculdade de Filosofia e Letras com dezoito anos, e lá se graduar em ciências sociais. Ou seja, a pobreza não lhe serviu de pretexto para não estudar, para desmerecer a educação formal e, sobretudo, a formação universitária.

Terminada a graduação, ingressou na Escola Livre de Sociologia e Política, onde obteve o Mestrado, em 1947, com a dissertação *A Organização Social dos Tupinambá*. Posteriormente, na USP, fez o Doutorado, tendo redigido a tese *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*.

Se esses trabalhos lhe permitiram demonstrar o sólido equipamento analítico que lograra obter nos seus estudos, foi nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil, como parte de um grande projeto patrocinado pela Unesco, que Florestan Fernandes mostrou a relevância da Sociologia para a compreensão do Brasil contemporâneo. Dessas pesquisas resultou sua obra

monumental dedicada ao assunto, *A integração do negro na sociedade de classe*, inicialmente tese para a disputa de cátedra.

Numerosos outros trabalhos empreendeu ele, dedicando sua atenção à educação, às classes sociais, às características maiores da evolução brasileira dentro do marco do capitalismo, à metodologia sociológica, como também à filosofia política, em textos em que explicitou o que considerava ser a atualidade da opção socialista. Todavia, homem de posições políticas e ideológicas bem definidas, sua obra científica sempre se pautou pelo rigor científico e objetividade.

Um dos papéis mais importantes que desempenhou ao longo de sua vida profissional foi o de professor. Nessa condição, foi o mentor de numerosos cientistas sociais, entre os quais se sobressaíram, entre muitos outros, Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni. Sua docência desenvolveu-se inicialmente na USP. Depois, banido pelo Ato Institucional nº 5, foi de pronto convidado por várias universidades do exterior, sobretudo na América do Norte. Depois dos anos de exílio, retornou, incorporando-se aos quadros da PUC de São Paulo, onde continuou sua incansável atividade de docência e pesquisa.

Nessa altura, o acadêmico estava plenamente convencido da necessidade de também participar diretamente da luta política, tendo entrevisto no Partido dos Trabalhadores possibilidades inovadoras no quadro partidário até então elitista de nossa política. Filiando-se a esse partido em 1986, elegeu-se deputado federal por dois mandatos, sendo o primeiro deles para a Assembléia Nacional Constituinte.

Dar a uma profissão ou especialidade um patrono constitui uma forma de homenagear os seus praticantes, elevando um dentre os pares a modelo que dignifica e inspira o grupo como um todo. O patrono deve representar, em grau excelso, as virtudes e qualidades que o desempenho profissional e a ética do trabalho especializado pressupõem.

Não erramos em ver em Florestan Fernandes os atributos de excelência intelectual e moral para os que, no Brasil, se dedicam ao estudo dos fenômenos sociais, buscando não apenas entendê-los, mas também propor ações que melhorem a qualidade de vida da população. Da Sociologia se espera, nessa quadra da vida nacional, um papel decisivo na proposta de políticas de desenvolvimento social que sejam factíveis e ajudem a materializar os anseios de construção entre nós de uma sociedade mais justa e fraterna, ideal do qual o

grande intelectual e homem de ação Florestan Fernandes jamais se afastou durante sua produtiva vida acadêmica e de homem público.

Pelas razões expostas, espero contar com o apoio de meus nobres pares para a presente proposição, que declara Florestan Fernandes o patrono da Sociologia Brasileira.

Sala das Sessões, em de de 2005.

Deputado Celso Russomanno